



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17813 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Mulheres na ciência: análise das perspectivas de docentes universitárias

Luma da Silva Gonçalves - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Mariadna da Silva Costa - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

MULHERES NA CIÊNCIA: ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS DE DOCENTES UNIVERSITÁRIAS

Palavras-chave: Mulheres nas ciências. Formação cultural. Gênero e sociedade. Ensino superior.

1 INTRODUÇÃO

Estudos indicam que o patriarcado antecede o capitalismo, revelando formas de submissão feminina anteriores ao sistema atual. Com a ascensão do capitalismo, a divisão sexual do trabalho se tornou a base para uma sociedade onde cada sexo tinha funções definidas. Isso facilitou a ascensão masculina em espaços científicos e políticos, refletindo-se no baixo reconhecimento de mulheres na ciência e nas artes.

Apesar disso, nunca houve prova de que as mulheres são incapazes de realizar pesquisas ou inovações científicas. A crítica feminista destaca o caráter particularista, racista e sexista da ciência, que tradicionalmente favorece homens brancos de classes altas, dificultando o acesso de mulheres, especialmente negras, pobres e homossexuais.

Estudar gênero, segundo Cunha (2007), é compreender as relações sociais entre homens e mulheres e como se constroem identidades na sociedade, enfatizando a importância de promover o respeito à diversidade e o acesso ao conhecimento sem distinção de gênero.

2 DESENVOLVIMENTO

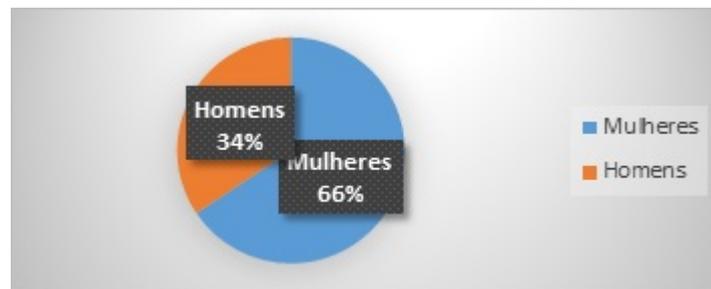
Esta pesquisa, de caráter exploratório e abordagem qualitativa, utilizou observações e entrevistas para investigar como os estudos sobre mulheres na ciência estão sendo discutidos. Apesar dos avanços, ainda há um longo caminho para a plena participação feminina nas Ciências e Tecnologias.

As entrevistas foram transcritas e categorizadas com base nas experiências narradas, e a análise dos dados seguiu a metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (1977), organizada em três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados.

2.1 Análise e discussão dos dados: perfil dos docentes e análise dos relatos

Ao fazer o levantamento do quantitativo de docentes universitários/as que atuam nos cursos de graduação em Pedagogia, Educação Física, Enfermagem e Administração ofertados, identificamos um total de 96 docentes, sendo 63 mulheres e 33 homens, o que significa 66% e 34% respectivamente. Essas e esses profissionais se distribuem nos 4 cursos de graduação como exposto no gráfico 1.

Gráfico 1 – Quantitativo de docentes dos quatro cursos por sexo



Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

Tabela 1 – Quantitativo de docentes dos quatro cursos por sexo

ÁREA DE ATUAÇÃO	Total	MULHER	HOMEM	%M	%H
Pedagogia	33	27	6	82%	18%
Enfermagem	36	28	8	78%	22%
Educação Física	18	6	12	33%	67%
Administração	9	2	7	22%	78%
TOTAL	96	63	33	66%	34%

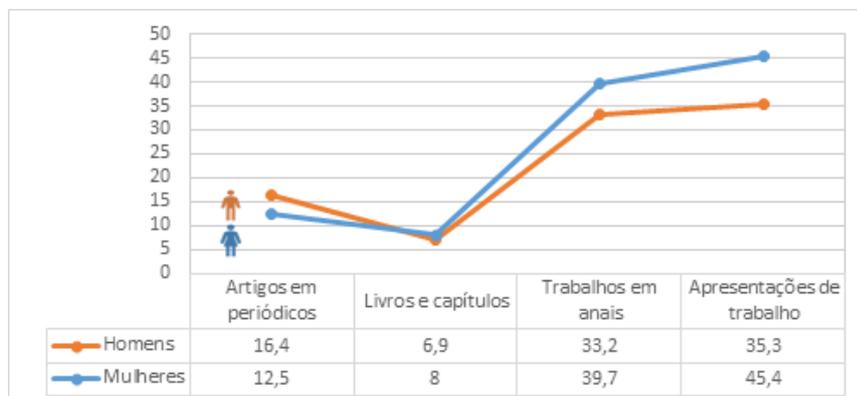
Fonte: elaborada pelas autoras com dados da pesquisa

Pode-se perceber que os dois cursos que têm os menores números de mulheres em seu corpo docente, se comparado aos homens, são: Educação física e Administração respectivamente, o que reforça a ideia de que essas áreas ainda são consideradas campos de estudos masculinos. Por outro lado, os dois cursos que mais se veem mulheres, são: Pedagogia e Enfermagem, respectivamente, mostrando que essas áreas comumente ligadas ao cuidado, continuam ligadas à feminização.

2.2 Médias de produção científica geral e por curso (docentes com doutorado)

O gráfico mostra a média geral da produção científica dos 29 doutores da instituição, com dados obtidos a partir dos currículos Lattes e organizados em uma tabela detalhada. Foram analisadas produções gerais (todas as produções) e recentes (últimos cinco anos). A produção geral, exibida no gráfico, inclui os quatro itens mais produtivos para ambos os sexos, com a linha laranja representando a média dos homens e a linha azul a das mulheres.

Gráfico 2 – Média geral da produção científica por grupo de sexo



Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

Para calcular a produtividade acadêmica de homens e mulheres, somamos a produção total de cada docente por item e dividimos pelo número de docentes de cada gênero em cada curso. Destacamos a quantidade de doutores e detalhamos a produção científica por item e curso, usando quadros azuis para mulheres e laranjas para homens para facilitar a leitura.

Tabela 2 – Produção científica detalhada por sexo e por curso em %

Curso	Quantidade de doutoras/es	Artigos em periódicos	Livros e capítulos	Trabalhos em anais	Apresentações de trabalho
Pedagogia (M)	9	5,5	7,3	42,1	50,7
Pedagogia (H)	3	8,6	13,3	17,6	26,3
Enfermagem (M)	8	19,3	7,0	40,8	46,0
Enfermagem (H)	2	26,0	1,0	37,0	22,0
Ed. Física (M)	2	17,0	15,0	25,0	19,0
Ed. Física (H)	3	26,6	8,0	62,3	65,3
Administração (M)	0	0	0	0	0
Administração (H)	2	3	1,5	9	16

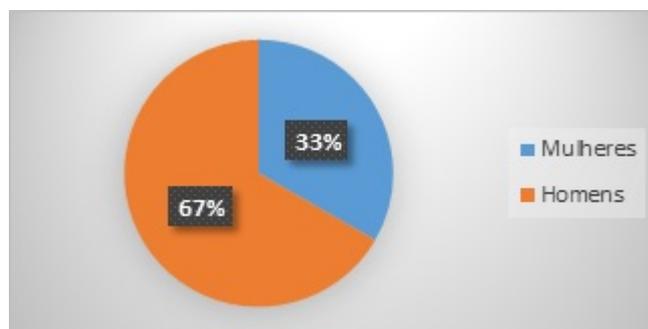
Fonte: elaborada pelas autoras com dados da pesquisa

A análise destaca que, em média, os homens publicam mais artigos científicos, enquanto a disparidade é menor em livros, capítulos, trabalhos em anais e apresentações. A falta de doutoras em Administração favorece a maior produtividade masculina nesse curso. Em Pedagogia, os homens publicam mais livros e capítulos, e em Educação Física, mais trabalhos em anais e apresentações. Apesar dessas diferenças, as mulheres do campus, em geral, têm maior dedicação

às publicações.

A pesquisa ampliou seu escopo ao solicitar informações sobre os/as docentes que dirigiram a instituição, apresentando dados sobre o quantitativo de gestores/as no gráfico 3 para explorar as relações de gênero na universidade.

Gráfico 3 – Quantitativo de diretores/as



Fonte: elaborado pelas autoras com dados da pesquisa

Em 32 anos, a instituição teve seis diretores homens e três diretoras, das quais apenas uma foi eleita, enquanto as outras duas ocuparam o cargo de forma temporária. Todos os diretores homens venceram as eleições, exceto na primeira diretora. Isso levanta questões sobre representatividade e as relações de poder de gênero, destacando as barreiras que ainda existem para as mulheres ocuparem cargos de liderança.

2.3 Perfil das docentes doutoras entrevistadas

Na Instituição de Ensino Superior no Sertão Produtivo da Bahia, predominantemente composta por mulheres, elas desempenham um papel crucial na ciência da IES. Partindo desse pressuposto, definimos nossos questionamentos para alcançar os objetivos do estudo. Os nomes das entrevistadas foram ocultados conforme o código de ética, e optamos por usar nomes de cientistas famosas do livro "As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo" de Rachel Ignofsky. Analisamos o conteúdo de nove entrevistas, utilizando os nomes: Hipátia, Mary Anning, Ada Lovelace, Marie Curie, Rosalind Franklin, Jane Goodall, Florence Bascom, Marjory Douglas e Hedy Lamarr.

As entrevistadas, com idades entre 36 e 56 anos, incluem seis casadas, duas solteiras e uma divorciada. A maioria cursou o ensino médio em escolas públicas. Em termos de pertencimento étnico-racial, seis se consideram brancas, uma negra, uma parda, e uma não informou. Isso revela uma lacuna, pois 75% das entrevistadas são brancas, contrastando com os dados da Bahia, onde 79,7% das mulheres são pretas ou pardas. Dado que a Bahia tem uma maioria negra, é essencial fazer um recorte racial na pesquisa, já que a representatividade de mulheres doutoras na instituição não reflete a composição racial do estado.

A escassa presença de mulheres negras em universidades e programas de pós-graduação, em contraste com a predominância de mulheres brancas em posições de prestígio, pode ser atribuída aos mais de 300 anos de escravidão e a outros fatores históricos. Além disso, a lentidão do movimento feminista em incluir mulheres negras atrasou suas conquistas. Em seu aclamado livro "Quem tem medo

do feminismo negro?”, a autora Djamila Ribeiro (2018) enfatiza:

A relação entre política e representação é uma das mais importantes no que diz respeito à garantia de direitos para as mulheres, e é justamente por isso que é necessário rever e questionar quem são esses sujeitos que o feminismo estaria representando. Se a universalização da categoria “mulheres” não for combatida, o feminismo continuará deixando muitas delas de fora e alimentando assim as estruturas de poder. (Ribeiro, 2018, p. 47)

Com isso, mesmo que o feminismo tenha passado por três grandes ondas – como diz a maioria dos/as pesquisadores/as sobre gênero – em suma, as conquistas desses movimentos acabaram privilegiando uma parcela menor da população feminina, ou seja, as mulheres brancas. Os homens são sempre concebidos com a maior parte dos privilégios, pois as burguesas são solidárias dos burgueses e não das proletárias e as brancas dos homens brancos e não das mulheres negras (Beauvoir, 2016). Nesse mesmo viés, as conquistas dos movimentos negros tendem a privilegiar os homens negros, e assim, fica para a mulher negra a restrição dos piores lugares da hierarquia social (Carneiro, 2021).

2.4 Ser ou não ser cientista? Eis a questão”

O imaginário da ciência sempre esteve ligado a ideais masculinos e áreas “duras”, dificultando a percepção de mulheres pesquisadoras como cientistas. Isso levou a questionamentos como: uma professora que faz pesquisa se considera cientista? Como ela vê sua contribuição para o conhecimento e o desenvolvimento humano?

Indagadas sobre isso, as entrevistadas afirmaram se considerar cientistas. Hipátia declarou: “Eu investigo, produzo conhecimento, publico, então me considero uma mulher cientista”. Anning e Goodall também se identificam como cientistas, destacando a produção de pesquisa como parte essencial dessa identidade.

Por outro lado, duas entrevistadas divergem desse pensamento, narrando:

Nunca pensei a minha atividade profissional nesses termos, ser ou não ser cientista. Entretanto, desde que iniciei a docência, sempre atuei de forma consciente, questionando-me (Douglas, 15/05/2021).

Confesso que a ideia de cientista não me vem muito a cabeça, se alguém me perguntar de pronto o que eu faço profissionalmente ou o que eu sou, penso que muito dificilmente eu diria que eu sou uma cientista (Curie, 18/07/2020).

Essa pesquisadora ao explicar os motivos pelos quais não se considera cientista, enfatiza que “a própria noção de cientista é muito carregada de certas representações de certas ideias e inclusive preconceituosas” (Curie, 18/07/2020). Mas, sabemos que cada pessoa tem a sua concepção do que seja ciência a partir de suas experiências pessoais que foram moldadas socialmente.

É importante destacar a percepção peculiar em relação à imagem do cientista, que é atribuída à estética historicamente associada à ciência, bem como a dificuldade de algumas pessoas em conceber um cientista fora do laboratório e distante do estereótipo físico predominante nas ciências “duras”, a exemplo de Albert Einstein. Em contrapartida, outra participante comenta que “a gente pensava que cientista era só aquele que fazia grandes descobertas, em relação à saúde, as doenças” (Anning, 03/08/2020).

Na mesma perspectiva, Bascom (30/07/2020) relatou que hoje ela vê a mulher pesquisadora como uma artista que transforma o conhecimento em arte e que quer aprender cada vez mais. O que extraímos dessas falas, é que a resposta sobre ser ou não ser cientista, demarca um território pessoal, um lugar de fala com propriedade. A seguinte fala é marcante por delimitar o curso, a área que atua e fazer as relações extracurriculares:

[...] especificamente na área de infância e educação infantil, eu acredito que há algumas exigências, algumas implicações: “o que é uma mulher se tornar cientista da área de infância e educação infantil?”. Eu acho que é alguém que realmente precisa pensar essa área, conhecer, aprofundar os conhecimentos sobre bebê, sobre criança, sobre prática educativa com bebê e criança, conseguir construir uma narrativa científica sobre esse fazer [...], conseguir também publicizar o que foi produzido para outras pessoas, outros espaços, colaborar com a pela difusão de conhecimento desse campo. Se eu coloco essas implicações para uma mulher cientista na área de infância e educação infantil, logo eu me considero sim uma mulher cientista. (Lamarr, 11/05/2021).

Se a mulher que produz ciência é desvalorizada, nesse contexto, a pedagoga, por vezes, sequer é considerada pesquisadora, pois os estereótipos que o curso carrega, direciona a visão da sociedade para uma mulher – isso por conta da maioria feminina – que trabalha na educação infantil “cuidando” de crianças e aqui eu destaco a palavra cuidar, pois o roteiro estabelecido na história é que as mulheres nascem com dons maternais, logo elas estariam aptas a cuidar de crianças e são limitadas nisso.

Sobre as demandas para se produzir ciência, Hipátia destaca a necessidade de investimentos na autoformação. Segundo ela, “a formação não pode ficar limitada para uma questão individual, mas ao ter acesso ao conhecimento é preciso pesquisar, orientar, publicar, produzir ciência” (Hipátia, 01/08/2020). Nessa direção, Anning (03/08/2020) fala da necessidade de “traçar metas, ter um bom planejamento, ter um bom projeto, realizá-lo e após realizá-lo, fazer uma boa discussão, ter um bom embasamento e publicizar isso para todas as áreas, para todas as pessoas”. Os relatos destacam não só a recomendação da produção acadêmica, mas também a responsabilidade dos pesquisadores com a comunidade acadêmica. O compromisso ético, social, científico e acadêmico visa atender com qualidade e rigor às demandas da sociedade.

Franklin destacou a importância de perseverança, ética, cuidado, dedicação e disciplina na pesquisa, especialmente na área da educação, que exige muito tempo e responsabilidade. Lovelace concorda, ressaltando a necessidade de disciplina acadêmica, perseverança, autoconfiança e humildade. Goodall enfatiza a importância de se posicionar nas relações de pesquisa, reconhecendo que os pesquisadores estão inseridos nas teias sociais que estudam.

2.5 As “escolhas feitas” e as influências: a educação ela vai se constituindo no meu caminho pela falta de opção e não pelas opções

Como o próprio tópico menciona, há algo em relação ao trilhar caminhos que nós quase não discutimos. Será que o resultado do que somos e pelo que passamos são mesmo frutos somente de nossas escolhas? Outros aspectos influenciam em nossas decisões?

Uma das entrevistadas escolheu Pedagogia porque era o curso disponível

em sua cidade, limitando suas opções: “Eu não tive grandes escolhas” (Bascom, 30/07/2020). Outra docente compartilha uma experiência semelhante, explicando que entrou na educação porque o único curso disponível na cidade era o de magistério: “Não era uma escolha, era o que eu tinha” (Hipátia, 01/08/2020). Além dos aspectos de gênero, podemos amplamente pensar nas questões de classe latentes no discurso de Hipátia.

Eu filha de trabalhador e trabalhadora rural não tinha condições de estudar em uma capital, por exemplo. [...] então hoje eu atuo na área de educação como docente e como pesquisadora, eu me tornei docente e pesquisadora num processo, eu não fiz uma escolha de modo intencional, planejada estrategicamente. A educação ela vai se constituindo no meu caminho pela falta de opção e não pelas opções. (Hipátia, 01/08/2020).

Percebe-se que o capitalismo não exclui as pessoas, mas as coloca em situações de marginalização e as direciona para lugares e guetos impostos por ele. Nos relatos de Hipátia, por excelência, vemos que as condições financeiras e falta de oportunidades, a direciona para um único caminho possível, mas ela poderia estar ocupando outros espaços que inicialmente eram sua preferência.

Lamarr explicou que sua escolha de carreira foi mais uma opção disponível do que uma decisão pessoal, destacando que as mães da sua geração acreditavam que o magistério garantiria um emprego. As entrevistas revelam como questões sociais e financeiras limitaram as opções profissionais, e como permitir que uma filha busque liberdade e independência é algo relativamente recente.

Estudar, escolher a profissão, o curso, não tinha isso como planejamento prévio. Fiz o curso de magistério devido à ausência de outros cursos no diurno e falta de condições financeiras para ir para uma capital estudar, como algumas primas e colegas foram, pois a família não achava conveniente estudar no noturno (Douglas, 15/05/2021).

Uma mulher indo estudar em outra cidade, sozinha, foge do convencional em certos tempos e cenários. Então o destino das mulheres desta pesquisa é marcado por dificuldades financeiras da família, mas não somente, também por falta de permissões e de oportunidades.

Por outro lado, embora todas essas questões de restrições perpassem pela vida de todas as mulheres, outras escolheram a profissão que estão hoje por ter idealizado isso há mais tempo, elas contam:

[...] eu penso que o motivo básico foi porque minha mãe era professora leiga, então eu desde criança pequenininha tinha três ou quatro anos, eu lembro que eu já brincava de boneca e brincava também de escolinha sendo professora para minhas próprias bonecas, dando aula dizendo que queria ser professora. (Franklin, 03/08/2020).

Dessa forma, podemos compreender a partir das falas, que tanto aquelas que não escolheram o curso que queriam fazer, quanto aquelas que conseguiram seguir os caminhos que desejavam trilhar, logo após o magistério ou ensino médio, se dedicaram ao que estava em seus caminhos e com isso vão se constituindo no processo, se dedicando e se especializando com as poucas oportunidades que encontraram.

É essencial reconhecer as pessoas que influenciam e orientam nosso caminho acadêmico. As entrevistadas apontaram várias influências, como professoras, mães educadoras e estudiosos da área, além da falta de opções de outros cursos. Destaca-se a contribuição de Hipátia na reflexão sobre essas influências.

Existiu sim uma pessoa ou existiram pessoas que me influenciaram nessa decisão. [...] Foi uma das primeiras pessoas que eu conheci que tinha curso superior e ela atuou como suporte no sentido de incentivar, no sentido como a gente diz de “abrir as portas”. (Hipátia, 01/08/2020).

A fala encorajadora reflete a irmandade feminina, onde mulheres se apoiam e incentivam para superar barreiras. Embora cada uma tenha enfrentado desafios individuais, o apoio mútuo e a eliminação da competição entre mulheres destacam-se como fatores importantes na transformação da sociedade.

Além de todas as outras questões, gostaríamos de saber como foi o processo dessas mulheres na ciência, qual o percurso até chegar o momento em que se encontram hoje, bem como as experiências ao produzir pesquisas e lidar com o universo das exigências da academia. Ouvimos delas que foi e tem sido uma trajetória tranquila, conduzida pela curiosidade epistemológica, reconhecem que “a trajetória enquanto cientista é uma trajetória ainda muito recente, é a partir do mestrado que eu começo a fazer um investimento maior em pesquisas e, ao longo desse processo eu tenho me constituído” (Hipátia, 01/08/2020) e que tiveram muitos obstáculos, porém sempre tiveram motivos para continuar (Lovelace, 29/07/2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foca nas histórias e perspectivas das mulheres, destacando que o feminismo, embora não ideológico, reflete formas de pertencimento, mas nem todas se identificam com o movimento. Além das questões de gênero, a análise considera a importância de uma abordagem interseccional que inclua raça e classe, reconhecendo barreiras históricas e invisíveis.

Apesar dos avanços, ainda há muito a ser conquistado, especialmente para aquelas que sentem o peso das desigualdades e o silenciamento. O texto alerta para a necessidade de continuar lutando por melhorias, pressionando por políticas públicas e enfrentando as adversidades, já que as mulheres muitas vezes não têm escolha entre estudar, trabalhar e cuidar da família.

Ao acreditar que este diálogo não está concluído, afirmamos que o intuito é que ele chegue às camadas mais populares, pois nada valeria este trabalho se servisse apenas à academia ou a elite. Enfatizamos a necessidade de incentivos à ciência e educação para o proletariado, para a classe que sustenta toda esta sociedade.

Não podemos deixar de mencionar, como relataram, que a carreira científica não é fácil para nós, porém, isso não se dá por uma suposta incapacidade intelectual que historicamente nos atribuíram, mas sim, pelas barreiras e pedras que colocam em nossos caminhos, por isso, a necessidade de discussões e posicionamentos assertivos como estes que apresentamos, no intuito de cada vez mais, chegarmos à um modelo de sociedade justa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Trajetória intelectual e formação política. In. KOLLONTAI, Aleksandra [et al]. **Introdução ao pensamento feminista negro** [recurso eletrônico]: por um feminismo para os 99%. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 78-83

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.

IGNOTOFSKY, Rachel. **As Cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo**. São Paulo: Blucher, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.